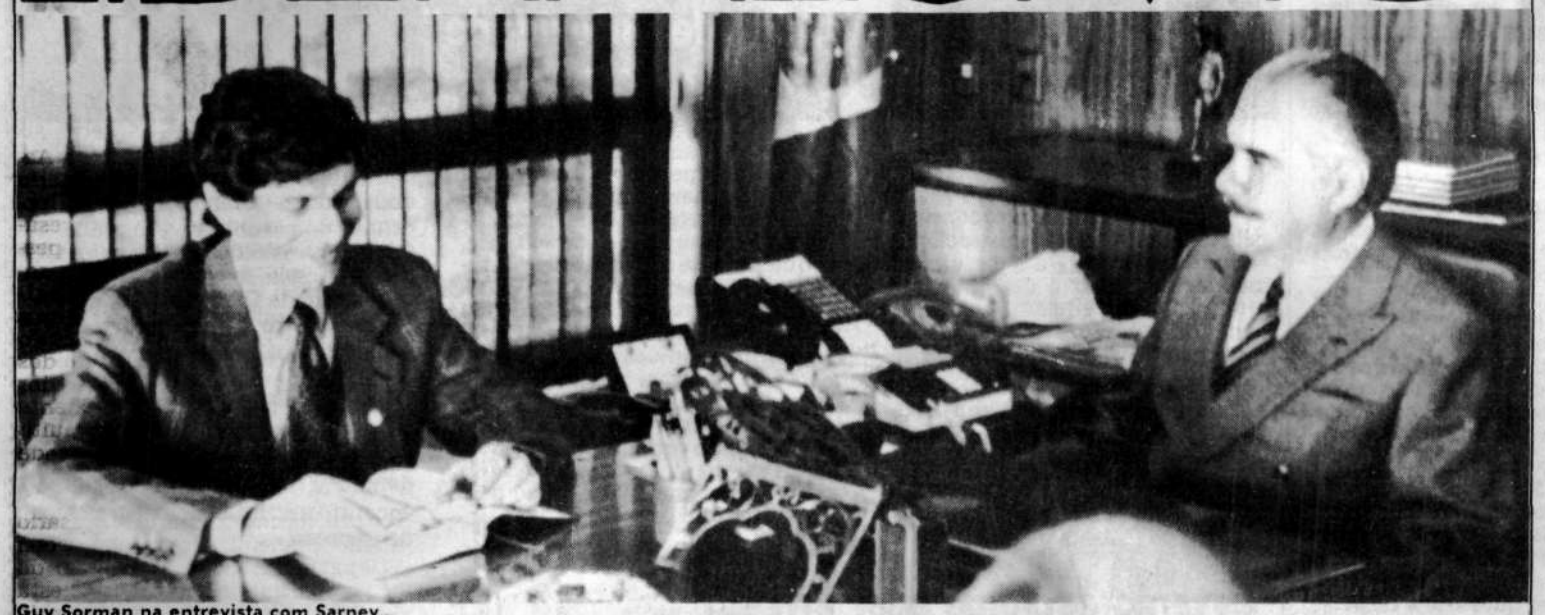
JORNAL DA TARDE

Sarney

LIBERALISMO



Guy Sorman na entrevista com Sarney...

...acompanhado pelos jornalistas Ruy Mesquita e Carlos Chagas.

Um caminho para nossa democracia: redução dos poderes do Estado.

Mesmo sabendo que a questão referente à limitação dos poderes do Estado no desenvolvimento da Economia do Brasil tende a ser bastante polêmica, o presidente José Sarney defendeu-a ontem como um princípio a ser introduzido na próxima Constituição Brasileira. Ele reconhece que a atual carta magna não é muito clara neste item, ao mesmo tempo que considera necessária a reconstrução da economia brasileira a partir desta tese.

Essa idéia do presidente José Sarney foi manifestada ontem ao escritor francês Guy Sorman, durante audiência à qual compareceram Ruy Mesquita e Carlos Chagas, respectivamente diretor-responsável e diretor da Sucursal de Brasília do **Jornal da Tarde**. O pensador francês, que a convite do **Jornal da Tarde** permanece durante duas semanas no Brasil, entrevistou-se ainda ontem com o ministro da Fazenda, Dílson Funaro, e com o chefe do SNI, general Ivan de Souza Mendes.

Economista por formação e escritor de sucesso na França, Guy Sorman prepara-se para lançar seu terceiro livro — "A Riqueza das Nações" — motivo que o trouxe ao Brasil, visto que pretende ali analisar e comparar o desenvolvimento econômico de alguns países, tendo à frente Brasil, China e Índia. Ele considera que esses três países constituem os melhores exemplos onde o modelo de liberalismo econômico tende a ter sucesso. E dentro deste contexto suas idéias encontraram respaldo junto ao presidente José Sarney e ao ministro Funaro. "Quanto mais a presença do Estado aumenta na economia do País, mais a situação política tende a se envolver de uma fachada ditatorial", disse Sarney. Já o ministro Dílson Funaro, durante sua audiência ao escritor francês, disse que as dívidas do Estado sobem a um nível insuportável e manifestou seu contentamento pelo fato de, atualmente, ocorrer um aumento considerável nos investimentos da iniciativa privada, ao contrário do que aconteceu no período de 1975 a 1980.

Para Funaro, é necessário manter os investimentos estatais no setor petrolífero e no campo da energia. No caso do petróleo por causa das fontes descobertas, e no que diz respeito à energia por um curto prazo, devendo posteriormente passá-lo também para a iniciativa privada.

Já o presidente Sarney criticou o modelo econômico que resultou no endividamento externo e definiu-se como um homem liberal que no momento tem de reconstruir as instituições, a economia nacional e ainda preparar o País para o século XXI.

Reforma agrária

Falando sobre o momento político, o presidente José Sarney disse ao escritor francês que nesse momento o País vive uma fase de grandes decisões. "Tivemos uma grande crise de pessimismo e de falta de confiança nos destinos do País. E depois de cinco governos militares o País se prepara para, sob um governo civil, unir-se em torno de uma perspectiva nova. Minha tarefa é — disse o presidente — começar um trabalho de transição dentro de uma conciliação."

Disse o presidente Sarney ao escritor francês, autor do livro "A Solução Liberal", que acaba de ser lançado no Brasil: "Depois da Guerra, o Brasil fez um grande esforço pela conciliação, conseguindo sucesso no desenvolvimento econômico, embora o mesmo não ocorresse no campo político e social".

Sobre a reforma agrária, o presidente informou ao pensador Sorman que este foi antes de mais nada um compromisso da campanha da Aliança Democrática: "Um compromisso que tínhamos de cumprir, principalmente porque o País se tornaria ingovernável com toda sorte de tensões como aquelas que tínhamos, e uma que poderia nos imobilizar é exatamente a da luta pela terra, pela reforma agrária".

Para o presidente Sarney, seu projeto de reforma agrária tentou juntar as duas coisas: primeiro solucionar o problema do homem sem terra e segundo esvaziar as tensões que se acumulam no campo. Ele reafirmou que o projeto da reforma agrária do governo — "que aliás é baseado no Estatuto da Terra, jamais executado", completou — só será aplicado em terras improdutivas e jamais nas terras que produzem.

Respondendo a uma pergunta do escritor francês, cujas idéias se aproximam bastante do pensamento do primeiro-ministro francês Jacques Chirac, o presidente Sarney não quis admitir que sua ida ao Vaticano tenha por objetivo tratar com o papa do problema da aplicação da reforma agrária no Brasil. No entanto, admitiu que como o papa é uma pessoa bem informada certamente encontra-se ciente do que se passa no Brasil a esse respeito.

O presidente Sarney defendeu ainda a reserva de mercado no campo da informática, dizendo não haver intenção de aplicar a reserva em outro setor. E observou que as empresas estrangeiras não sairão prejudicadas desse período. "Vamos de reserva, como insistem em afirmar: — não estamos prejudicando e sim ocupando um espaço que nos pertence".